ASSENTAMENTO CONQUISTA DA FRONTEIRA- BAGÉ

PALESTRA DO COMPANHEIRO E EDUCADOR PAULO FREIRE

MINHAS AMIGAS E MEUS AMIGOS!

Esta tarde , realmente, é uma das bonitas tardes que nós, a Nita e eu, temos vivido nos últimos anos e eu digo já, já, as razões porque esta tarde é das mais bonitas que nós temos vivido. Antes eu gostaria de diminuir um pouquinho o entusiasmo deste querido amigo e extraordinário animador e também fantástico motorista e humorista (risos) que tem um senso de humor indiscutível (referências a um dos coordenadores da programação.) Eu também fico triste porque tenho que consertar um pouquinho a primeira notícia que ele deu hoje com relação a mim e a subida da rampa com o presidente. Vou esclarecer por uma questão de lealdade a história. Bom, eu até gostaria que a história fosse assim. (risos) Na verdade, se o presidente tivesse me convidado prá ir lá subir a rampa, hoje, eu não iria, em hora nenhuma, em dia nenhum (palmas). Na verdade a coisa não foi tão forte quanto ele contou. Há meses atrás eu fui convidado e outros secretários, a Ester também deve ter sido convidada para ir uma coisa qualquer em Brasília e lá os secretários da educação municipais teriam então o prêmio de subir e descer a rampa com ele. Mas não houve aquele exagero todo que ele contou, que fui chefe de gabinete de ministro, mas na verdade nem chefe de gabinete. Mas prá mim o que é válido aqui é dizer que nunca me convidou e se me convidaria eu não iria. Em época nenhuma. Eu estou para descer e subir em outras rampas. Mas agora vamos então conversar aqui um pouco com vocês. Eu tinha dito no começo que esta é uma das tardes mais bonitas. Não enquanto céu, enquanto chão, que a gente andou e quase nem andou, mas uma tarde enquanto espírito, uma tarde enquanto alma, uma tarde enquanto encontro, um encontro fraterno de gente. Por que esta é uma das mais bonitas? Exatamente porque esta tarde parte de um processo, de uma caminhada. O conjunto de outras tardes que necessariamente implicariam manhãs, que necessariamente passaram ou se anteciparam às noites também Manhãs, tardes e noites de lutas, de brigas, de sonhos, de ilusões e desilusões, de esperanças e desesperanças, de dúvidas, de anseios, de medos também, de dor, de gostos, de cores, de alegrias, esta tarde é um momento de processo de outras tardes, outras manhãs, de outras noites.

Ela marca um momento de briga anterior, sem a qual esta tarde não existiria. Isso que eu acho a compreensão histórica das coisas. Eu acho indispensável a nós. Se não tivesse havido muita chuva que choveu, se não tivesse havido muito sol que queimou, se não tivesse havido muita esperança que se desfez, esta tarde de hoje, possivelmente não ocorreria. Foi preciso que alguns morressem, foi preciso que alguns desistissem, foi preciso que fortalecesse sua coragem de briga, e iluminasse o seu sonho de refazer o mundo para que esta tarde ocorresse. O que eu quero com isso dizer é que as tardes não ocorrem de graça. Nada puramente acontece. Veja bem, o que aconteceu, ele é muito gostoso do ponto de vista poético. Ele tem muita alma. Mas a História, as coisas acontecer na história significa uma coisa mais profunda, mais casual, mais contraditória do que o puro acontecer da poesia. Se bem que a história também seja poética e não possa ser compreendida, hora da paixão, hora do amor, hora da fraternidade, hora do sonho, hora do desejo, hora da intuição. A história, no fundo é tudo isso. Mas é preciso que fique claro que se não fossem outras tardes, outras manhãs, outros anos bem longe dos de hoje, não fosse em última análise a existência de outras brigas, essa tarde não existiria. Mas esta tarde, dentro deste processo grande, da briga de vocês, que é briga nossa, eu peço licença para me meter dentro do corpo, do gosto, do espírito de esta briga aqui. Eu não tenho dúvida, talvez eu não seja humilde, mas nem sempre a humildade vale. Por causa de brigas como estas de vocês eu passei 16 anos proibido de voltar ao Brasil. Eu fui preso, eu fui expulso da Universidade onde eu trabalhava, eu fui obrigado a deixar o País, precisamente porque eu acreditava que era preciso e possível ter tardes como estas.

Outra razão também prá que esta tarde e agora pra mim pessoalmente e prá Ana Maria, que chamo amorosamente de Nita, minha mulher. Outra razão prá ser esta tarde bonita prá nós dois é que esta tarde ao lado de vocês, com vocês, num momento de briga de vocês, esta tarde, é a última em que eu participo como Secretário, ainda, de Educação da cidade de São Paulo. Segunda feira eu me despeço da Secretaria de Educação e deixo de ser teu colega, mas continuo teu amigo, teu companheiro brigão, teu aluno e teu professor (referência a Ester Grossi, Secretária de Educação da Prefeitura de Porto Alegre, presente no ato). Deixo a Secretaria de Educação de São Paulo e não podia haver coisa mais gostosa do que falar pela última vez como secretário de uma cidade grande como São Paulo: a vocês. Essa seria a melhor maneira que eu teria de encerrar a minha atividade de Secretário de Educação da cidade de São Paulo, era falando fora de São Paulo, era falando ao Brasil (palmas).

A outra razão que agora vai ser a última sobre a qual eu direi algumas coisas porque esta tarde é tão bonita para nós. É que esta tarde é o começo de algo que já começou. Começou até no momento mesmo das primeiras posições de lutas que vocês assumiram, mas essa tarde marca o começo mais sistematizado, de um novo processo ou de um desdobramento do primeiro, de um grande processo da luta que é um processo político, que é um processo social e que é também um processo pedagógico. Não há briga política que não seja isso. Mas o começo mais sistemático a que eu quero me referir e que hoje se inicia, numa das suas dimensões tem que ver exatamente com dois direitos fundamentais, entre outros, mas dois direitos fundamentais, que poucos tem e porque tem que brigar. O direito, e eu disse direitos entre outros. O direito a conhecer, a conhecer que já conhece e o direito a conhecer o que ainda não conhece. Esses dois direitos do domínio da Cultura, do domínio do saber, que imbricam necessariamente no direito de comer, no direito de saber, o direito de dormir, o direito de sonhar, o direito de chorar e já que eu falei deste último direito, o direito de chorar, eu diria, eu perguntaria a nós (referindo-se à mesa) e não só a vocês (público): quantos dias um camponês, um operário urbano, tem por exemplo, como direito seu para chorar a mulher que morreu? Quantos dias tem uma mulher camponesa ou urbana para chorar o companheiro que morreu? Possivelmente meio dia. Se chorar o dia inteiro perde o emprego. Mas a classe dominante chora enquanto tempo queira chorar. Seu luto é quase que em certo ponto divino, por que goza demais. Mas esses dois outros direitos a que me refiro cujo processo sistemático começa hoje, numa das suas dimensões são o direito de conhecer melhor o que já conhece e o direito de conhecer aquilo que ainda não conhece. O que que eu quero dizer com isso? Esse primeiro direito, conhecer melhor o que já conhece tem que ver com o que a gente chama de saber popular, sabedoria popular, sabedoria popular, ao lado do saber que a gente chama de saber erudito o saber acadêmico, o saber científico. São aqueles dois saberes a que a canção cantada aqui se referia com relação à caneta e a enxada. E foi dito aqui como uma verdade histórica que desde o começo estes dois saberes representados pela caneta de um lado, e a enxada de outro foram divididos, separados pela burguesia. E esses dois saberes no fundo precisam completar-se. E não contradizer-se antagonicamente e inconciliavelmente. Então saber o que já conhece significa também saber que a prática por exemplo de sofrer, a prática de caminhar, a prática de produzir, sobretudo de prática de produzir, a prática de refletir, de pensar, que está sempre associada à prática de fazer, essa prática em todos nós gera um certo saber, gera um certo conhecimento, uma certa sabedoria, socialmente, quer dizer, essa prática

é uma prática social, de que a gente participa com a dimensão individual que cada um de nós tem. Eu vi o sol. O que há em mim e em mim que é estritamente Paulo Freire? Não existe outro cara no mundo que seja Paulo Freire, nem ninguém no mundo é você. Você é singular. No mundo não há outra menina igual a você Susam (referência a uma menina que estava sentada à sua frente). O que tu tens de ti mesma, mais profundo de ti não basta para te explicar. Não é suficiente. Porque tu te explicas como eu, socialmente, culturalmente, historicamente, quer dizer, no fundo nós somos feitos e perfeitos na prática social. Mas nós temos algo de peculiar a da a esta opção social. Quando eu digo que um dos direitos do povo é saber melhor o que já sabe, eu quero me referir ao fato de que todos os que estamos aqui sabemos alguma coisa. Eu disse num desses livros que eu escrevi que ninguém sabe tudo, nem que ninguém ignora tudo. Todo mundo sabe alguma coisa e todo mundo ignora alguma coisa. O direito de saber melhor o que já se sabe : significa ultrapassar os níveis de conhecimento que eu tenho hoje sobre o mundo. Por exemplo: hoje é possível que olhando o céu leu diga, é possível não, hoje eu olho o céu e digo o sol nasce a leste. Amanhã e posso descobrir que esse verbo nascer não tem rigor nesta frase, porque o sol na verdade não nasce nem se põe. Esse saber que me faz dizer que o sol nasce e o sol se põe é um saber que a gente chama o saber do senso comum, do sentido comum. O saber do sentido comum é muito importante. Há certos acadêmicos que desprezam o saber popular, são reacionários, ou são ignorantes inocentes. O saber do sentido comum, esse que a gente diz, eu penso que isso é assim, esse saber que não tem rigorosidade, esse saber que toma meu corpo e meus sentidos sobre os quais eu não exerço uma certa vigilância, esse saber é importante mas não é o suficiente. Então o povo tem o direito de ter o outro saber que vai corrigir este, mas que deve partir dele. Que deve partir para não ficar com ele. Tem que partir porém dele. É esse ir mais além desse primeiro saber que existe só pelo fato de que eu estou vivo e estando vivo eu trabalho eu transformo o mundo, esse outro saber que eu não tenho, e é um direito ter esse saber que eu ainda não tenho, é o saber que a ciência ainda pode nos dar.

O primeiro é o saber que a gente chama de saber prático sem o qual a gente também não realiza as coisas. O outro saber, é o saber que a gente chama de saber teórico sem o qual a gente também se perde. O povo tem o direito de saber a teoria da prática do povo. Quer dizer: a prática do povo é absolutamente fundamental, mas a prática não é a teoria dela mesma. É preciso que o povo domine porque tem esse direito, domine a prática teórica, ou teoria prática, ou saber teórico. Por que só os intelectuais tem esse direito? Por que só os intelec-

tuais, os chamados intelectuais, quando o povo também é intelectual? Por que só os que trabalham aparentemente apenas com a cabeça, com a mente e não com as mãos? Por que só os primeiros tem o direito à linguagem difícil, tem o direito a teoria e o povo não? Eu acho que uma séria transformação revolucionária da sociedade terá se ela for realmente democrática, se ela for radical, se ela for às raízes, ela terá que oferecer ao povo, ela terá que democratizar o saber. Ela terá que aprofundar de saber nos grupos populares. E hoje aqui, nesta tarde, o início, o início mesmo que seja um início que continua o trabalho de alfabetização tem que vir marcado por isto.

O que vocês estão ajudando a fazer ou estarão ajudando a fazer, possibilitando aos companheiros que ainda não lêem a palavra mas já lêem o mundo, quer dizer, já tem um certo saber pouco rigoroso do mundo, da sua realidade. O que vocês estão agora começando a possibilitar é que lendo a palavra, aprendendo a ler a palavra, a escrever a palavra lida, os adultos jovens, os adultos e os jovens companheiros possam reler a leitura anterior do mundo, quer dizer, possam refazer sua compreensão de saber mais ou menos ingênuo ou do senso comum, por uma sabedoria política mais lúcida, mais rigorosa, mais clara com relação à vida mesma e com relação à transformação. Quer dizer, é preciso que ao aprender a ler e a escrever a palavra, a releitura da leitura anterior do mundo ultrapasse a força dos próprios slogans. Por exemplo: agora aqui vamos ver nos gritos de comando que continuam a ser importantes. EDUCAR PRÁ LIBERDADE JUSTIÇA E IGUALDADE e outro, MST AGORA É PRÁ VALER; exato, MST, agora é prá valer. Vamos pegar esse exemplo. MST agora é prá valer. O que é que significa isso? É uma pura coincidência de palavras? É uma rima? MST agora é prá valer, é som puro? O que é isso? O que é que isto significa na história da gente? O que é que isso significa na briga da gente? O que é que significa agora é prá valer? Se eu digo agora é prá valer, é porque houve tempo que não era prá valer? E o que é que significa prá valer? O que é que significa isso? Esse discurso?

Olha meus amigos e minhas amigas, por isso que a alfabetização é algo muito mais sério, não sério, mais profundo, político, do que um puro exercício linguístico do comando da linguagem. E precisamente porque é comando de linguagem é mais do que fonemas, é mais do que sons. É história mesmo. É vida. É desvelamento da ideologia que está contida na própria linguagem, no próprio discurso. Então não bastam os gritos. Temos que nos aprofundar na compreensão dos gritos de guerra, os gritos de luta. É preciso que eu saiba porque digo que

agora é prá valer! E esse desvelar dos discursos por sua vez, expressam um determinado momento do concreto, do real. Tem de ver consciência tem que ver o conhecimento teórico, tem que ver com a formação científica de nós todos. Tem que ver com a teoria associada à prática do processo de compreensão e de mudança do ideal do concreto. Não é possível a nós, e é preciso que cada vez mais lutemos com toda a força que tenhamos contra qualquer tentativa de separação das duas experiências criadoras, a da prática de um lado e a da teoria do outro. Nem a prática sozinha, nem a teoria sozinha. A prática sozinha sem a teoria termina por não se saber a si mesma. Termina por provoca a perda desendereços dos que praticam. A teoria sozinha sem a incursão até o concreto e a prática por se perder numa coisa que a gente chama de blá, blá, blá... É preciso que juntemos as duas coisas constantemente. Não há prática sem teoria e não há teoria que não se submeta ao ajuizamento da prática. É preciso que a gente viva assim aqui também uma experiência como esta de vocês, deste assentamento, tem que ser e a cada dia virar mais um centro de formação de cultura, um centro de produção do saber, não apenas produção econômica (palmas) Porque também não poderia ser só produção de saber nem só produção de econômico, com uma tentativa exclusiva de produzir saber sem a base econômica, esse saber já nasceria alienado. Feneceria. Se a produção se mete apenas no domínio do econômico se perderia nos endereços espirituais, não se diga transcendental da palavra, dos valores culturais e humanizantes de que nós precisamos. Aqui e é este o grande apelo que eu faço a nós todos porque eu me sinto agora tanto quanto vocês também um membro deste assentamento. É um apelo que eu vos faço, que este assentamento se fortaleça como produtor de cultura, como produtor de liberdade, como produtor de democracia, como produtor de saber.

O meu grande abraço a vocês e o abraço da Nita também.
Obrigado. (palmas).

DISCURSO DO MONITOR LUCAS CUPISINSKI- dia 25.05.91

Assentamento Conquista da Fronteira- BAGÉ

Lançamento do Projeto de Alfabetização de Adultos e Jovens,
com a presença do Educador Paulo Freire

COMPANHEIROS E COMPANHEIRAS

O Movimento dos Sem-terra há muito tempo vem se preocupando em fazer aulas para adultos e para jovens, ou seja, ou projeto de alfabetização. Por isso o Movimento Sem Terra já fez projetos e mandamos, ou melhor, fomos a Brasília com o Projeto para que fosse aprovado para que nós tivéssemos condições de fazer trabalho nos assentamentos e por três vezes o Senhor Chiarelli tem negado para os trabalhadores. Portanto, nós monitores, decidimos enfrentar este desafio. Nós mesmos descobrimos que nós colonos temos que fazer alfabetização nos acampamentos e assentamentos do Rio Grande do Sul e em todo o País (palmas). Hoje para nós, trabalhadores rurais e para todos os trabalhadores do Brasil é uma data histórica, é uma data que nós estamos ocupando um latifúndio, que é o latifúndio do analfabetismo, que o direito à educação sempre nos foi negado, sempre nos foi roubado e por isso nós vamos fazer da forma que nós sabemos. E da mesma forma que nós ocupamos a terra, pisamos na terra roubada, estamos hoje dentro do Rio Grande do Sul, pisando em cima do latifúndio do analfabetismo. E o MST é acostumado a enfrentar estes desafios e vencer de verdade.

E por isso o MST acatar o Método Paulo Freire, que é um método que nós trabalhamos. Vamos sentar nas comunidades, formar o nosso círculo de cultura e ali vamos aprender a ler, vamos aprender a escrever e isto é importante, mas mais importante que isto é aquilo que Paulo Freire já relatava. É entender o que tá escrito. É discutir a nossa vida, é discutir os nossos problemas, é discutir a política também neste país do jeito que nós fomos manipulados e que de agora em diante temos que discutir e achar uma saída para nós trabalhadores só nós trabalhadores é que vamos encontrar (palmas);

Muito Obrigado!